

SIMON E AS MARCAS DO SAGRADO EM *O SENHOR DAS MOSCAS*, DE WILLIAM GOLDING

Ricardo Maria dos SANTOS

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
rsantos@fclar.unesp.br

RESUMO: Este artigo discorre sobre a articulação entre a manifestação do sagrado no romance “*Lord of the Flies*” (“O senhor das moscas”), de William Golding, e a construção da personagem Simon. A narração reveste-se de uma linguagem indicativa da valorização do sagrado e de diálogos que acompanham a evolução da sensibilidade espiritual dessa criança, especialmente quando se defronta com a expressão do mal como inerente à natureza humana. Para isso, serão considerados aspectos de desenvolvimento da atmosfera mística no texto, como o recurso aos rituais, à ambiguidade entre uma consciência intuitiva por parte do garoto e a expressão sobrenatural do espírito demoníaco em algumas cenas do confronto de Simon com o “Senhor das Moscas” e a atribuição de características religiosas, como a de mártir cristão, às atitudes do menino perante seus colegas beligerantes. Utilizando os conceitos de numinosidade e abordando a narrativa de uma perspectiva estilística, procuraremos demonstrar como as estratégias de caracterização da personagem Simon se configuram um procedimento ímpar para a representação da irrupção do sagrado, permitindo uma apreciação estética da natureza do sagrado nas ocasiões em que Simon está no foco da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: *O senhor das moscas*; *Lord of the Flies*; Simon; Sagrado; Mal.

A fortuna crítica desenvolvida em apreciação ao romance *Lord of the Flies*, publicado em 1954, frequentemente ressalta aspectos temáticos tais como a oposição entre civilização e barbárie, democracia e autoritarismo, inocência e corrupção, entre outros, como eixos estruturadores não somente da ação narrativa, mas também do universo de sentidos que o texto de William Golding (1911-1993) propicia. Embora também seja bastante recorrente a indicação de elementos do discurso cristão na composição desses eixos, pouca ênfase tem sido dada à qualidade da linguagem utilizada no livro como um instrumento de instauração do sagrado na própria tessitura de diálogos, descrições e pensamentos das personagens, especialmente quando a personagem Simon é a consciência refletora das preocupações ético-morais da narrativa.

Com efeito, a história do grupo de garotos britânicos cujo voo de evacuação de uma Grã-Bretanha em guerra cai em uma ilha tropical deserta é considerada tanto uma fábula quanto uma distopia ou, especialmente, alegoria, por demonstrar como as tentativas iniciais de organizar uma sociedade democrática nos moldes adultos acabam degenerando em barbárie, a exemplo do que ocorre no mundo exterior à ilha, em conflito bélico-nuclear. A disputa pelo poder na ilha entre o chefe eleito, Ralph, e o candidato preterido, Jack, revelará que a violência e impulsividade inerentes ao comportamento humano estão somente encobertas por um fino verniz de civilização, codificada por normas, expectativas e hábitos consolidados em leis e também internamente, na psique humana. Quando a força bruta e coação ganham preponderância sobre a racionalidade e espírito crítico, os garotos liderados por Jack são capazes de cometer os assassinatos de Simon e Piggy e quase perpetraram o do líder Ralph. Implícitas na configuração dessa transformação estão a natureza do mal e as formas pelas quais a percepção do sagrado podem intensificar a ação humana, tanto positiva quanto negativamente.

A figura de Simon se destaca desde início da narrativa pela sensibilidade, tanto física

quanto social e espiritual: é ele que, extenuado pelo calor, desmaia nas fileiras do coral que Jack lidera quando Ralph chama a todos com a concha; também é ele que se preocupa com os garotos menores, coletando para eles os frutos dos galhos mais altos, e sem dúvida nele se concentra a privilegiada percepção do que realmente acontece na ilha em relação à natureza da “besta” e da insidiosa escalada da violência e do ódio entre os seguidores de Ralph e o grupo de caçadores de Jack. É pertinente observar-se que o nome Simon, etimologicamente, deriva do hebraico e significa “aquele que ouve” (HARPER, 2012), confirmando estudos que apontam para a estreita e deliberada relação entre a designação onomástica e a caracterização das personagens principais nesta obra (MEITCKE, 2004, p.4). Sendo o único que “ouve” a verdade, sua composição textual apresenta a construção paulatina do conhecimento sobre a natureza humana e o contato místico com a força do mal, até o momento em que será morto e adquirirá uma aura de mártir.

Dessa forma, Simon procura o isolamento de uma clareira na floresta, oculta por flores e trepadeiras e aparentando-se a um local de meditação, em que os sons, cores e atividades da ilha ficavam atenuados, tendo como companhia movente apenas borboletas. É possível se fazer uma ilação entre a simbologia desses insetos, representantes da alma em várias mitologias, e a configuração de Simon como detentor de capacidade inata de observar e, especialmente, sentir e vivenciar aspectos numinosos¹ da experiência sensível a que crianças não são tão comumente associadas. Os parágrafos que descrevem esse refúgio revestem-se de uma atmosfera de recolhimento, em que mesmo a rapidez do cair da noite não instila o sentimento de medo ou perigo, mas a comunhão entre os elementos da natureza e a habilidade intuitiva do garoto, preparando-o para as cenas em que se encontrará com o “senhor das moscas”.

Quando as discussões da assembleia de garotos giram em torno da existência de uma “besta”, que tanto poderia ser um animal selvagem e perigoso quanto uma ameaça inominada, Simon conjectura: “What I mean is. . . maybe it’s only us.” (p.89) Imediatamente desacreditado pelos outros garotos maiores, ele tem dificuldades para transmitir o que sente e entende diante de uma plateia e logo será chamado de “esquisito” [batty], mas o narrador onisciente corrobora a acuidade que as palavras de Simon, com cerca de nove anos de idade, não conseguiram lograr: “Simon became inarticulate in his effort to express mankind’s essential illness.” (p.89) A consciência de que o medo que agora domina boa parte do grupo será uma força poderosa e irracional, com potencial de solapar os esforços de ordem e harmonia entre seus membros, já surge, embora ainda informe, nos termos que Simon usa, e ele desenvolverá o que poderíamos chamar de um “discernimento ontológico” sobre a natureza do mal, que será narrativizado através de seus pensamentos e de recursos como a alucinação ou o transe.

Essa consciência intuitiva também se expressa quando Samaneric relatam ter visto a besta: “However Simon thought of the beast, there rose before his inward sight the picture of a human at once heroic and sick.” (p.103) A precisão de tal visão pode ser avaliada pelo fato que, na verdade, a besta é o corpo de um paraquedista morto em combate aéreo cujo paraquedas cai no topo da montanha, onde o vento, insuflando o plástico, dá movimento ao cadáver preso nas cordas do equipamento. A designação de heroico pode carregar uma grande carga irônica, uma vez que os heróis militares estariam na origem da hecatombe nuclear que serve de pano de fundo à história; doentio antecipa, misteriosamente, tanto o estado do piloto quanto a sensação que Simon terá ao chegar ao cadáver e entender o que realmente aconteceu.

Quando a grupo caçador liderado por Jack mata uma leitoa e, após a degolar, crava a cabeça em uma das lanças feitas de galho e fixa-a no chão, ocorre a mimetização de um ritual de oferenda a uma divindade ou entidade sobrenatural. Na passagem em questão, a cabeça é

¹ Popularizado por Rudolf Otto em sua obra “O Sagrado” [2007], o conceito de “numinoso” pode ser definido como “pleno da sensação de presença da divindade, inspirando assombro e fascinação” (p.49).

oferecida à “besta” para apaziguá-la e convencê-la a não atacar os garotos. A dança e o canto rítmico que entoam para comemorar a caçada acrescentam a esse ritual os elementos de consolidação do poder de Jack e do aprofundamento do fosso entre seu espírito violento e a índole democrática do chefe Ralph; também enfatizam a progressiva degeneração da coesão da pequena sociedade na ilha em barbárie, o que é confirmado através do diálogo sem palavras entre Simon e a cabeça ritualizada:

Simon stayed where he was, a small brown image, concealed by the leaves. Even if he shut his eyes the sow’s head still remained like an after-image. The half-shut eyes were dim with the infinite cynicism of adult life. They assured Simon that everything was a bad business. “I know that.” (p.137)

Ao atrair centenas de moscas para o sangue que escorria, a narrativa dá um sentido literal para o título do livro, mas “Senhor das Moscas” é a tradução do hebraico Belzebu, ou seja, a segunda entidade demoníaca, hierarquicamente apenas abaixo de Satanás, em sentido estrito, e a figura do demônio, em sentido geral. A partir do trecho citado acima, o Senhor das Moscas irá se dirigir diretamente a Simon, reconhecendo nele um interlocutor que entende do que se trata, embora o avisando da inutilidade de seus esforços para conter o progresso acelerado da queda vertiginosa para a selvageria que irá ocorrer. Com o mesmo ceticismo associado aos adultos, o Senhor das Moscas tenta convencê-lo a desistir e seguir a vida como os outros garotos, como se a visão e o contato direto com a reificação do mal em uma cabeça de porco tivessem sido o produto de uma indigestão. Em outro momento, Simon faz uma tímida tentativa de enfrentar o mal, quando, indagado se não o temia, Simon acena que não, mas o Senhor das Moscas continua: “There isn’t anyone to help you. Only me. And I’m the Beast.”, ao que o garoto retruca, dessa vez em voz audível: “Pig’s head on a stick.” (p.143)

Assim, mesmo estando vivenciando uma experiência mística, Simon tem coragem para tentar desqualificar a imagem terrível que quer amedrontá-lo. É o próprio Senhor das Moscas que confirma o que Simon intuía muito antes, quando fora desprezado pelos outros garotos ao tentar expressar que o mal (a “Besta”) fazia parte da natureza humana:

“Fancy thinking the Beast was something you could hunt and kill!” said the head. For a moment or two the forest and all the other dimly appreciated places echoed with the parody of laughter. “You knew, didn’t you? I’m part of you? Close, close, close! I’m the reason why it’s no go? Why things are what they are?” (p.143)

Momentos depois, Simon se sente mal; alguns críticos associam suas reações com epilepsia, baseados em frases como “He knew that one of his times was coming on”. (p. 143) Independentemente das explicações concretas que se possam aventar, o motivo do estado alterado de consciência para se ter acesso à esfera do sagrado, seja ele de ordem divina ou demoníaca, é recorrente na literatura e na mitologia, sendo relatado em inúmeros estudos antropológicos. A indução à experiência mística está frequentemente associada ao uso de drogas alucinógenas, de cantos, danças e orações que elevariam o padrão de receptividade entre humanos e divindades a uma espécie de fronteira entre o mundo concreto sensível e o mundo espiritual. No caso de Simon, nota-se uma precocidade de amadurecimento aliada a uma hipersensibilidade de teor transcendental, fazendo-se dele uma figura muito próxima dos videntes e pitonisas da antiguidade clássica.

O próprio Senhor das Moscas ameaça Simon:

“I’m warning you. I’m going to get angry. D’you see? You’re not wanted.

Understand? We are going to have fun on this island. Understand? We are going to have fun on this island! So don't try it on, my poor misguided boy, or else —”

Simon found he was looking into a vast mouth. There was blackness within, a blackness that spread.

“— Or else,” said the Lord of the Flies, “we shall do you? See? Jack and Roger and Maurice and Robert and Bill and Piggy and Ralph. Do you. See?” (p.144)

A linguagem usada pela cabeça – uma vocalização da consciência alterada de Simon, para muitos críticos – se molda à que o próprio garoto usaria; é importante notar que ela se inclui entre os garotos que irão se divertir na ilha. A ameaça de que os nomes dos outros garotos citados vão “acabar” com ele é profética, e sua enunciação acaba por fazê-lo desfalecer.

Aparentemente recuperado, Simon cria coragem quando acorda e vai buscar a verdade: vai procurar a besta no topo da montanha. Ao descobrir o cadáver do piloto, liberta-o das cordas e permite que o vento o leve para longe da montanha, em direção ao mar. Dirige-se, então, para a praia, a fim de contar tudo ao grupo. Simon, porém, sai da borda da floresta em plena escuridão, no momento em que os garotos, executando a dança ritual da morte da leitoa, estão amedrontados pelos relâmpagos incessantes que prenunciam a tempestade tropical iminente. Imediatamente confundido com a “besta”, ele é jogado dentro do semicírculo desses alucinados caçadores crianças e é repetidamente alvejado pelas lanças de madeira; a tempestade é deflagrada e os garotos fogem da praia em terror, deixando o corpo morto de Simon na praia.

Pouco antes desta cena, o narrador comenta que “Simon was crying out something about a dead man on a hill.” (p.219) Na diegese da obra esse homem morto é, naturalmente, o aviador de paraquedas; a alusão a Cristo no Calvário, no entanto, se faz possível, especialmente por confluir nesta passagem a morte sacrificial de Simon, nos termos de James Gindin (apud BLOOM, 2008):

Simon assumes something of the role of Christ, a Christian martyrdom, sacrifice of self for the truth that is generally unrecognised. Yet Golding's symbolism is suggestive rather than precise. [...] Simon is his own sort of visionary religious martyr, sometimes seen as more Cassandra-like than Christian, sometimes perhaps as epileptic with his fainting fits, sometimes simply as the odd boy who does not fit the pattern of the school. (p. 14-15)

Concordamos com Gindin quanto ao caráter particular desse mártir, pois a experiência numinosa de Simon frente ao Senhor das Moscas e, anteriormente, no refúgio na floresta, haviam-no preparado para um nível de autoconhecimento no se que refere à fonte do mal naquilo que ele talvez tenha de mais perturbador: ser inerente à natureza humana e habitar os recônditos da alma, sempre à espreita para revelar nossos aspectos mais sombrios e desagradáveis, por mais que milênios de civilização, cultura e religião tenham tentado burlar sua expressão. Além disso – e contrariando até o próprio autor, em entrevistas – Simon não se perfila com facilidade na categoria de “santo”, além da circunstância de ser morto inocentemente, de ter tido uma vida generosa, de consideração para com os outros à sua volta, e de ter adquirido um nível de autoconhecimento espiritual raramente alcançado; estamos mais em consonância com Howard Babb (1970), quando ele afirma que

Simon seeks to confront his fears and comes to accept the evil that inheres in him as well as in the other children, though he pays with his life for what he

discovers. By thus struggling against and yet recognizing his limitations as a person, Simon engages in that perennial human task which is the source of man's defeats as of his triumphs— whether one regards man from the Christian perspective suggested by certain details in the novel or from a preeminently secular perspective. (p.30-31)

Postulamos que Simon serve como um exemplo privilegiado da conjunção das forças da natureza e da psique humana no mais alto grau de sensibilidade, tendo, ainda em tenra idade, estar imbuído de tamanha capacidade para vivenciar o sagrado em diversas formas, tanto na beleza das borboletas quanto no flagelo das moscas – uma integração dessa intensidade não é acomodada pelos paradigmas da razão crítica ou do discurso que se pretende lógico; denominá-la por alucinação, transe, convulsão ou outros termos médicos pode mitigar a ansiedade analítica de leitores em busca de uma correspondência realista da obra com seus elementos mais vividamente simbólicos, mas a ambiguidade e imponderabilidade da experiência do sagrado representadas por Simon não se deixam apreender facilmente, nem a qualidade lírica da linguagem que o texto utiliza para descrevê-la a torna menos fugidia.

É com características, assim, de prosa poética que a narração mostra o corpo de Simon acolhido pelo mar. Passada a chuva, a laguna, a água do mar, os seixos, areia e constelações todas estão descritas com várias denominações de brilho e fosforescência. A beira do mar, onde, em passagem anterior, a narrativa se referia às pequenas criaturas transparentes como seres aquáticos que recolhiam o lixo da praia, agora traz esses mesmos animais como tendo corpos de raio de luar:

Along the shoreward edge of the shallows the advancing clearness was full of strange, moonbeam-bodied creatures with fiery eyes. Here and there a larger pebble clung to its own air and was covered with a coat of pearls. The tide swelled in over the rain-pitted sand and smoothed everything with a layer of silver. Now it touched the first of the stains that seeped from the broken body and the creatures made a moving patch of light as they gathered at the edge. The water rose farther and dressed Simon's coarse hair with brightness. The line of his cheek silvered and the turn of his shoulder became sculptured marble. The strange attendant creatures, with their fiery eyes and trailing vapours, busied themselves round his head. The body lifted a fraction of an inch from the sand and a bubble of air escaped from the mouth with a wet plop. Then it turned gently in the water. (p.154)

A tessitura linguística da descrição da passagem em foco é de uma riqueza ímpar no conjunto dessa obra; as referências a pérolas, à prata e ao mármore reforçam a significação de pureza e do caráter etéreo da personagem, aliando à delicadeza do cortejo de criaturas diáfanas um componente cósmico de recepção do corpo de Simon. Além disso, a simbologia da pérola é milenar e, mesmo tendo seu valor sagrado se tornado profano ao longo do tempo, ainda assim carrega inúmeros sentidos, segundo Mircea Eliade (1992): “A identificação da pérola com o “Salvador salvo” tornou possível um duplo simbolismo: a pérola poderia representar tanto o Cristo como a alma humana.” (p.147) e “[a] pérola significa o mistério do transcendente que se tornou sensível, a manifestação do deus no Cosmos.” (p.149) A majestosa acolhida da natureza para Simon será intensificada no parágrafo seguinte:

Somewhere over the darkened curve of the world the sun and moon were pulling, and the film of water on the earth planet was held, bulging slightly on one side while the solid core turned. The great wave of the tide moved farther along the island and the water lifted. Softly, surrounded by a fringe of

inquisitive bright creatures, itself a silver shape beneath the steadfast constellations, Simon's dead body moved out toward the open sea. (p.154)

Sol e lua, assim, agem sobre as marés do mundo, e a água do mar sobe e leva o corpo de Simon para o alto-mar, banhado de prata, de maneira suave e cercado pelas criaturas translúcidas a formar uma espécie de halo ao seu redor, sob o brilho das estrelas. Nesse trecho de beleza excepcional, a expressão verbal modula a experiência transcendental, recuperando para o enunciado textual a multiplicidade de imagens sensoriais que a narrativa logra executar para revelar as manifestações do sagrado, indicadas pelos elementos da natureza a proceder ao funeral de Simon como uma procissão de luz, serenidade e grandeza silenciosa, recolhendo-o cerimonialmente junto à imensidão do oceano.

Dessa forma, a linguagem altamente conotativa de Golding permite uma apreciação estética da natureza do sagrado nas ocasiões em que a personagem Simon está focalizada. Os diálogos “psíquicos” entre ele e o Senhor das Moscas configuram uma articulação bem engendrada de caracterização e sugestões do teor espiritual fortemente presente no garoto, que se ressaltam diante do discurso racionalista de personagens como Piggy, por um lado, e da violência tirânica dos instintos mais vis de Jack, de outro. A gradual construção do potencial místico de Simon, de sua sensibilidade crescente e da consciência honesta e corajosa que indaga os mistérios que se lhe revelam formam o necessário contraponto ao contexto sociopolítico da obra, superando-o na temporalidade, por permitir uma intrincada e habilidosa conjunção entre as manifestações da esfera do sagrado e a ação coordenada de uma narrativa a traçar o percurso de amadurecimento de um grupo de garotos aprendendo as difíceis lições da vida adulta em seus aspectos mais eticamente valiosos e espiritualmente significativos.

Referências

BABB, Howard. *The Novels of William Golding*. Columbus: Ohio State University Press, 1970.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GINDIN, James. The Fictional Explosion: Lord of the Flies and The Inheritors. In: BLOOM, Harold. *William Golding's Lord of the Flies*. Bloom's Modern Critical Interpretations. New York: Infobase Publishing, 2008. p.11-25.

GOLDING, William. *Lord of the Flies*. New York: Penguin Putnam, 1959.

HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. Disponível em http://www.etymonline.com/index.php?term=Simon&allowed_in_frame=0. Acesso em 18.mai.2012.

MEITCKE, W. *William Golding's Lord of the Flies*. Hauppauge, Barron's Educational Series, 1984.

OTTO, R. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o irracional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.